

Pro-Vimaranense

ÓRGÃO E PROPRIEDADE DA SOCIEDADE DE DEFESA E PROPAGANDA DE GUIMARÃES
PUBLICAÇÃO TRI-MENSAL

1.º ANO — 3.ª Série
NÚMERO 6

Director e editor: José Pinto Rodrigues — Administrador: Armando Andrade
Guimarães, 10 de Junho de 1930

Redacção e Adm.: RUA DA REPÚBLICA, 24.
Comp. e imp.: TIP. MINERVA VIMARANENSE

Ecos. Notícias. Comentários.

Este número deveria ser todo êle dedicado à iniciativa da construção de um Teatro nesta cidade.

Porque algumas gravuras que encomendamos ainda não estão prontas e ainda porque, de momento, certas circunstâncias assim o impõem, a publicação do mesmo número especial fica para melhor oportunidade.

*

O ante projecto do Teatro a construir da autoria do illustre architecto vimaranense sr. José Luís Ferreira, em exposição na vitrine da «Casa das Gravatas», tem sido admirado por muitas centenas de pessoas, tôdas unânimes em o considerar uma obra interessantíssima. Na realidade, o ante-projecto é felicíssimo.

José Luís Ferreira, artista cheio de modéstia, consciencioso e sabedor, deu-nos uma magnífica prova do seu apurado sentido artístico, mostrando de quanto é capaz. Felicitamo-lo calorosamente.

*

José Maria Gomes Alves, que há dias foi a enterrar, era um homem de bem e um funcionário zeloso e cumpridor. Deixou grande número de amigos a pranteá-lo. A' família, cuja dôr avaliamos, a expressão dos nossos sentidos pêsames.

*

A Penha continúa a ser frequentadíssima. No último domingo a concorrência foi extraordinária, vendo-se muitas pessoas de Vila do Conde e Póvoa de Varzim, que ficaram deslumbradas com as belezas naturais da nossa admirável estância de turismo.

O hotel vai bastante adiantado, embora, no nosso entender, não possa estar pronto a tempo de poder abrir ainda esta época.

*

Uma das entradas da cidade que tem mais movimento é, sem dúvida, a da estrada de Fafe. Está uma lástima. Por agora ainda escapa, mas no inverno é intransponível. Não se poderá, durante o bom tempo, arranjar-la? Quem quer que entre em Guimarães por aquele lado fica por certo muito mal impressionado. Esperamos que a Ex.^{ma} Câmara tome providências.

*

Os nossos colegas locais e os correspondentes dos jornais de Lisboa e Pôrto têm-se referido em termos justos aos elevados preços porque ainda se vendem as carnes verdes em Guimarães.

Acompanhamo-los nos seus protestos.

Senão, não.

Pois foi assim que morreu D. Preguiça, que Deus haja.

Desentranhava-se a mãe Terra em copioso maná dos mais suculentos e saborosos frutos, nas bucólicas veigas deambulavam as águas cristalinas, quando constou que a negligente senhora dera a alma ao creador. Diz a história que de sede e fome se finara a inditosa, a face tombada sobre a orla húmida de límpido arroio, a sombra acolhedora de árvores pejudadas das naturais virtualhas.

Bastava que estendesse um braço, que abrisse a bôca, para escapar à morte negra; mas, não. D. Preguiça, apesar de todo o seu apêgo à vida, nem estendeu o braço, nem abriu a bôca e de mingua se finou.

Velha e revelha é a história, tão velha que há quem creia ser ela do tempo em que os animais falavam; contudo, se cogitarmos um pouco no que se vai dando em certo burgo conhecido e amigo, ficamos a pensar, aplicado *el cuento*, que ela é de hoje, tão bem nos fica a carapuça.

Reune Guimarães, a meu vêr, as condições necessárias às suas prosperidades, ao seu progresso. Rica pelas suas variadas e valiosas indústrias, animada pela natureza e acarinhada pela arte, para vencer, para sair da triste letargia em que há tantos anos jaz, falta-lhe, apenas, quebrar o encanto em que vive a maioria dos seus naturais, proscrever o comodismo e a indiferença de tantos que, podendo, a não sabem ou não querem amar e defender como devem e como ela merece.

E' assim mesmo, sem papas na lingua: um comodismo bafiento, entorpecedor, uma apatia criminosa, que já se vai tornando crónica, medram por aí, alapidam-se em todos os recantos do velho burgo, a corromper os mais sãos desígnios e a fazer fracassar os mais decididos esforços dos que ainda ousam passar das palavras às obras na luta pelo engrandecimento da sua terra, desta terra.

Custa dizer-se, mal me ficará dizê-lo, a mim que aqui não nasci; mas mais custa, mais caro nos fica o silêncio, quando condescende com o êrro. E a verdade é esta: em Guimarães está tudo por fazer, graças ao fia-tena-virgem em que se vive, devido à negligência com que uma grande parte da população citadina encara aqueles problemas de cuja resolução depende o almejado progresso.

Há boa dúzia de anos que nas

terras mais sertanejas se nota um formidável esforço, cujos benefícios estão a patentear-se aos olhos de todos. Aqui, à nossa volta, veem-se-lhe as consequências, a todos os títulos notáveis. Asseio, higiene, corfôrto, a tudo se olha, a tudo se acode, no nobre desejo de engrandecimento, na honrosa ância de progredir. E nós?

E' que nessas terras a colectividade sabe sobrepôr-se ao indivíduo; é que lá o *bairrismo* não se circunscreve a um punhado de *carolas*, nem a indolência geral é lei. Um por todos e todos por um, os interesses da terra a dominarem quaisquer outros interesses, banido o rasteiro individualismo, tanto em moda em séculos recuados e de palanque ainda hoje entre nós, conjugadas tôdas as energias, agora pedindo, logo exigindo, tudo se vai obtendo.

Nesta atonia em que aqui se vive, neste marasmo condenável, é que nada se consegue. E, o que é mais lamentável, tudo se perde. Foi-se o liceu, foi-se o regimento, e mais irá, e tudo irá, se não fugirmos a tempo do criminoso comodismo em que nos atolamos. Estacionar, em tais casos, é já grande prejuízo; mas recuar — e nós recuamos — é morrer. Convençam-se disso, convençamo-nos disso. Urge tomar novo rumo, dar forte impulso à máquina municipal, e para tanto há que fazer todos os sacrificios, há que fomentar a união de todos os vimaranenses e levá-los a comungar a hóstia santa do amor da sua terra, da terra mãe, que é ainda o melhor meio de provar o seu patriotismo.

E' tudo e é tão pouco...

Senão, não.

D. O.

Novo Jornal

Anuncia-se para breve a publicação de «O Zézista», jornal humorístico, que se publicará semanalmente.

Uma das mais difíceis coisas que há neste mundo é, sem dúvida, fazer humorismo, ou, como é costume dizer-se, ter piada...

Confêmos em que os rapazes que vão colaborar em «O Zézista» saibam e possam vencer essas dificuldades, contribuindo para que nos distraiamos um pouco das amarguras que a vida tem. Desde já os nossos desejos de longa vida e muitas prosperidades.

Ecos. Notícias. Comentários.

Escreve nos um leitor, queixando-se da nefasta acção exercida pelas regateiras na praça do mercado.

Segundo êle, a maneira como ali é feita a fiscalização deixa muito a desejar.

Procuramos informarmo-nos e concluímos que o nosso leitor tem, em grande parte, razão. Especialmente a fruta é, logo que chega, açambarcada pelas regateiras, que a levam para o Pôrto, onde a vendem com grandes lucros. Aconteceu isso até agora com as laranjas, está acontecendo com as cerejas e morangos. O particular, principalmente o pouco abonado de posses, fica sem possibilidades de ter o regalo de saborear alguns frutos.

A vida está difícil. Há porém, coisas que, com um bocadinho de boa vontade, se podem evitar. Esta a que nos referimos pertence a êsse número. Por isso chamamos para o que acaba de ser exposto a atenção da Câmara, pedindo-lhe que recomende aos respectivos fiscais um pouco mais de cuidado e de zêlo...

*

Assinada por «Um habitué do Gil Vicente», recebemos uma carta em que se nos pede que nestas colunas lembremos ao sr. empresário do barracão que recomende aos porteiros mais delicadeza e urbanidade na maneira de tratar o público pagante.

Aqui fica feita a recomendação, sem grandes probabilidades de êxito...

*

Continúa em Lisboa o julgamento dos indivíduos considerados como implicados na formidável burla do Angola e Metrópole.

A' medida que o guignolesco espectáculo se vai aproximando do fim, cresce o interêsse dos espectadores, anciosos pelo desenlace.

Falou a acusação. Está falando a defesa. Elevação, inteligência e muito entusiasmo de parte a parte. Sobre todos, um a marcar com extraordinário brilho, — Ramada Curto, hoje um dos maiores advogados de Portugal.

Qual das muitas e divergentes hipóteses que se têm aventado sobre o resultado do julgamento será o que se há-de verificar? Sabe-se lá...

*

Está-se realizando em Setubal uma reunião de delegados das Juntas Gerais dos Distritos, a fim de resolverem sobre alguns importantes assuntos.

Como já dissemos nestas colunas, uma coisa se impõe há muito tempo: — a promulgação de um código administrativo. Enquanto não se realizar esta velha aspira-

ção, resultarão inúteis muitos dos esforços que se fizerem no sentido de melhorar a engrenagem e a vida dos corpos administrativos.

*

Queixa-se o nosso presado colega «A Velha Guarda» daquelas pessoas que, depois de receberem, lerem e guardarem números e números seguidos, durante um trimestre, um semestre ou, até, um ano, se eximem ao pagamento da respectiva assinatura quando chega o momento da cobrança.

Também por cá há disso, caro colega... E já agora permita que, sem favor, lhe digamos que achamos deliciosa e imensamente prática a ideia do quadro de honra. Vamos aproveitá-la. Não que *êle* é sangue...

*

Parece que está assente a realização das festas Gualterianas. As colectividades consultadas sobre o assunto pela Direcção da Associação Comercial responderam no sentido de que as Festas se deveriam levar a efeito este ano. Como a Associação Comercial pode dispôr da colaboração dessas colectividades, terá assim bastante facilitada a sua missão. O que é necessário é que se comece já a trabalhar. Depois será tarde. Deve haver todo o cuidado em evitar que façamos triste figura...

*

A entrevista que nos concedeu o importante capitalista e nosso amigo sr. João Teixeira de Aguiar, será publicada no nosso número especial sobre a construção do Teatro.

*

Mês de Junho, mês dos Santos populares. Mais do que qualquer dos outros, o S. João é, pelos nossos lados, festejadíssimo. Na Penha as festas prometem ser rijas. A comissão que se propõe effectuá las tem trabalhado afanosamente. Que consiga fazer com que elas marquem pela boa organização e pelo brilho, são os nossos desejos.

*

A acção da policia no que respeita à repressão dos maus costumes ainda não se fez sentir como é para desejar. E' vulgaríssimo, ao passar-se por qualquer rua das mais frequentadas, ouvir os maiores e mais descabelados palavrões.

Continuamos pedindo ao sr. Administrador do Concelho que chame a atenção dos seus subordinados não só para este caso, mas também para os da prostituição e vagabundagem que por aí se estadeiam.

ARTIGOS DE BORDAR

Tôdas as côres e em tôdas as qualidades.

Cintos, fivelas e miudezas. O maior sortido.

CASA MARTINS.

Deseja adquirir um lindo vestido de lã ou sêda ou de tecido de algodão em fantasia?

Vá à casa

HIGH-LIFE.

Honni soit qui mal y pense!

A nossa grande predilecção pelo teatro sério e declamado, obrigou-nos a fazer parte do não pequeno número das pessoas que se sacrificaram a ir ao «Barraco», apreciar a companhia Ester Leão-Alexandre de Azevedo, que, *sem saber para onde vinha*, caiu, ali, naquela pocilga, a qual, falseando a verdade, continua a pimponar-se com o mirabolante e enganoso rótulo de «Teatro Gil Vicente».

Uma fanfarrice como muitas outras. O palanfrório do costume e que ninguém toma a sério por saber que presunção e água benta cada um toma a que quer...

Adeante.

Desculpem-nos a franquesa e, por Deus, não nos tomem a mal estes comentários, filhos do muito amor que votamos à nossa terra.

Está feito o exórdio.

Continuemos:

Apezar dos tempos bicudos que decorrem, é justo dizer, no entanto, que não demos o dinheiro por mal empregado, no que diz respeito às peças e ao trabalho dos artistas daquela excelente companhia.

Boas peças e primorosa interpretação.

Ester Leão mais uma vez evidenciou os seus grandes méritos de actriz e Alexandre de Azevedo continua sendo o grande actor de sempre.

Sofia Santos um primor de dicção no pequeno papel de *Marie Ducrot*.

Très bien, madame.

Os demais artistas contribuíram, e muito bem, para que o público saísse do antigo «Barraco» plenamente satisfeito.

Muito e muito bem!

Assim, sim.

Assim, vale a pena sacrificar a magra bolsa e entregar, durante duas ou três horas, a mimosa epiderme ou, como diria o nosso antigo e elegante *coiffeur*, a delicada cutis às torturantes *ferradelas* dos vários insectos apetéros que ali pululam assustadoramente.

E' assombroso!

Verdadeiras legiões de pulgas de todos os tamanhos e feitios... magras, gordas, esqueléticas, rochunchudas, pálidas, coradas e tôdas com dentes penetrantes como agulhas albardeiras e a ferir como punhais!

Um horror!... Um martírio!...

Mas isto ainda não é tudo...

O que é mais para sentir — com que mágua o dizemos! — é que companhias de primeira ordem, da categoria da de Ester Leão-Alexandre de Azevedo, para poderem vir à nossa terra, sejam forçadas a exhibirem-se num casarão que, por mais boas vontades, por mais voltas que lhe dêem e por mais esforços que façam, nada poderá valer ao *desinfeliz*, que jamais conseguirá tornar-se decente e de forma a que o público deixe de estar *igualmente* com o Santo Credo na bôca e com a lembrança em S. Marçal.

— Igualmente?!

— Igualmente, sim!

De Maio para Abril não há muito que rir...

Aqui... relampagos...

Acolá... trovões...

Aqui e acolá... raios e coriscos!...

Aquilo, um teatro?!

Que modéstia!...

O' basófia das basófias!!

O' mentira das mentiras!!!...

Um teatro onde não há a menor comodidade e onde o espectador, quer dos *maples* quer do *galinheiro*, tem de calafetar as narinas e calçar botas à Frederico para poder atravessar o chiqueiro do pseudo *cabinet d'aisance!*

Uma imundície a exalar um cheiro pestilento!

Não exageramos; é a pura verdade!...

E o nosso bondoso sub-inspector de Saúde de olhos vendados perante aquela nitreira que nos envergonha, que nos define, que nos envenena e que nos mata!

De braços crusados a deixar correr o marfim!

O marfim, não.

A nauseante regueira, tal qual como na viela do Verdelho ou na antiga cangôsta do Trapola!...

Por piedade, excellentissimo senhor!

Aquilo, um teatro, em que os artistas, desde o mais ilustre mediante até à mais esquelética bailarina de castanholas e pandeireta, têm por camarins autênticos cortêlhos, onde vejeta a herva e as viscosas lesmas deslisam tranquilas e pachorrentas!...

— As lesmas?!

— As legítimas!...

— E' o cúmulo!

— *Se o nosso director soubesse onde tinha de cair, jámais aqui teríamos vindo, creia.*

— Têm razão, minhas senhoras.

— *Guimarães terra tão bonita, tão gentil, tão hospitaleira e de tantos recursos...*

— Mas sem recursos para um teatro que obedeça às exigências da civilização actual e que nos colloque ao abrigo dum fatalidade...

Deante disto, ó conterrâneos amigos, não achais que são horas e muito horas de pôr em execução uma obra pela qual Guimarães aneia a tantos anos?!

Falai, dizei.

Dizei-nos palavras consoladoras; vinde com o vosso dinheiro, com o vosso alvitre, com o vosso conselho, com o vosso auxílio, animar, alentar uma obra que se impõe por tudo e por tudo!...

Por amor da nossa terra!

Por amor das vossas e das nossas vidas!...

Um pequenino sacrificio!...

Não sejais pessimistas, não troceis, não chacotieis das nossas boas intenções.

Honni soit qui mal y pense!

Não rias, não.

O riso faz bem à alma e desopila a figadeira, é certo, mas no caso presente é rir de ti próprio.

Vem, vem depressa auxiliar uma obra que tem por fim resguardar-te a vida e engrandecer Guimarães!

A nossos braços, pois!

Sê benvindo!

Vem depressa, muito depressa; corre com o teu valor, com o teu esforço, com a tua energia, com a tua boa vontade.

Dá-nos um sorriso fagueiro; uma palavra de esperança.

Diz-nos com a cabeça que sim...

Que estás resolvido a trabalhar pela tua e nossa querida terra,

tão linda e de todos tão desamparadilha!...

Não te demores que o tempo urge...

Depressa e com a certeza de que terás o mais afectuoso e enternecido acolhimento!

Com a garantia de que uma terra inteira bendirá o teu gesto auxiliando uma obra há meio século reclamada!

Há meio século, menino, e tu sem abrires o *porte monnaie!*...

O' coração de pedra, onde não medra compaixão nem dôr!

Abre os cordões à bolsa!

Abre um pouquinho a porta à burra!

Abre que os teus conterrâneos receber-te-hão sorridentes, de braços abertos e abrindo-te o coração de par em par!

Serás acolhido com palmas, com pombas, com flores, com sorrisos, com abraços e beijinhos; com *virório, musicório e foguetório!*...

Não há foguetes?!...

O' meninos, por aí não mete o barco água!

Faltam bombas, mas que importa! Se essa falta a coisa entorta E' bater à minha porta Para foguete basto eu só.

Tal qual como a grande e saudosa Angela Pinto no *Solar dos Barrigas*:

E' fazer como já vii

Chiu, pó, pó, chiu, pó, pó.

Filarmónicas, imponente e *inimitável* Marcha Milanesa, copinhos, grisetas e balões!...

Tudo a traduzir o enorme desejo que Guimarães tem de uma casa de espectáculos, pelo menos, como possuem os seus vizinhos de Fafe, de Felgueiras e de Santo Tirso!

Será uma festa brilhante, triunfante e retumbante!

Um delírio!... Um céu aberto!...

Palmas, vivas, sorrisos, flores e

«O fogo preso e do ar Com morteiros a estalar!»

E as nossas lindas raparigas das fábricas, bailando, e cantando na sua voz vibrante e cristalina:

Ora viva a pandega!

Olé! Olá!

Como o «Barraco»

Não há! Não há!

JOSÉ DE GONDAR.

N. da R. — O artigo de José de Gondar que hoje publicamos estava já composto desde o último número, não tendo sido publicado então por aglomeração de original. Da demora pedimos desculpa ao seu autor.

PELO TRIBUNAL

Distribuição na audiência de 5 do corrente:

Ação ordinária cível, de Manuel José Ribeiro de Abreu, da freguesia de Ataúfe, comarca de Braga, contra Dúval Salgado de Barros Pinto e mulher, de S. Miguel de Creixomil.

Carta precatória, vinda da primeira vara cível, (4.º officio), de Lisboa, para *arrematação*, extraída do inventário orfanológico de Delfim Marques de Carvalho.

Gil Vicente Poetas Vimaraneses

Têmo-lo por nosso contrerrâneo — e disso nos orgulhamos. Orgulho bem justificado. Gil Vicente é das maiores figuras da história da nossa literatura. O seu nome brilha a tóda a altura entre os dos mais ilustres portugueses de todos os tempos.

Diz Fidelino de Figueiredo: — «Começou Gil Vicente em 1502 a sua carreira dramática pelo monólogo da *Visitação*. Trajado e caracterizado de pastor, entrou de surpresa na câmara da rainha D. Maria, doente do parto do príncipe D. João, futuro rei, terceiro de nome — liberdade em parte explicável pelo seu cargo de ourives da *rainha velha*. Aí saudou a rainha graciosamente, fingindo-se deslumbrado da opulência da câmara e, chamando uns companheiros, ofereceu uns presentes que eles traziam».

Passou-se êste facto, de capital importância para as letras nacionais, na noite de 7 de Junho de 1502. Gil Vicente lançara assim a base de uma instituição nova: — o Teatro português.

Quando chegará o dia em que numa das nossas praças públicas se erga magestoso o monumento ao glorioso poeta quinhentista?

O feriado camarário foi determinado em homenagem a Gil Vicente. Quantos vimaranenses sabem quem foi êsse homem extraordinário? Quantos ouviram já falar da sua obra?

Bem poucos, certamente.

Esperemos que um dia apareça um vimaranense dotado de boa vontade que aos seus contrerrâneos ensine, em palavras simples, quem foram e o que fizeram os nossos mais ilustres contrerrâneos de outros tempos...

Cine-Teatro

Desvairo? Não.

Uma conversa que merece meditação.

Um mero acaso levou-me a entabolar conversação animada sôbre casas de espectáculo com um visitante desta cidade que o «acaso» também atirou para o nosso teatro «Gil Vicente».

E, depois de ter apresentado a minha desculpa por não se lhe ter proporcionado um ambiente que não fôsse coito de inconfessáveis interesses... artísticos, da sua bôca ouvi uma crítica que me pareceu acertada e que, por vergonha, fui incapaz de refutar, dando largas aos comentários que fixaram, com muita nitidez, impressões que conseguiram descobrir pontos frágeis, por tudo vulneráveis a um deslize dominador do pensamento.

Disse:

— «Seria idiotismo, talvez, deixarmos-nos vencer por solicitações vergonhosas e embotar uma opinião que tem todo o direito a uma ampla expansão pública, uma vez que seja expressa num sentido determinativo de essencial vigilância, justiceiro e dignificador; fazermos silêncio perante surdas campanhas de hostilidades contra quem possa erguer um grito de guerra, da mesma maneira revela a defesa de certos interesses... ilícitos que de modo algum deve-

Cantigas da minha Terra

Por Delfim de Vimaranes.

'Stá frio, valha-me Deus!
Ouço a chuva e não sossego...
— E' que os agasalhos teus
Eu sei que inda os tens no prego...

Entre na igreja p'ra vêr
Tóda a igreja d'ouro armada.
Olhei p'ra ti, sem querer,
E não pude vêr mais nada...

Chamas-me o teu pardalinho,
E p'ra descaro final
Ontem disseste ao visinho
Que eu era um grande...pardal!...

E's tal qual uma boneca!...
E ao vêr-te, assim, fico tólo!...
Se me quer's p'ra ama sêca
Prometo trazer-te ao colo!...

Não chores, filha sossega,
Não tem remédio o teu mal...
Na mulher, quando escorrega,
A queda é sempre fatal!...

Em breves palavras, poucas,
Quer's a síntese do anior...
— E' um beijo de duas bôcas
A retinir com ardor!...

Preguntas-me, ingênuamente,
Se o amor chega à loucura!...
— Quando o coração o sente
Vai mais longe: à sepultura!...

Quer's ser de neve... e aposto
Que tens um trabalho atroç
De deitar no magro rôsto
Arrôbas de pó de arrôs!...

Se vais ao Campo da Feira
A roupa ao tanque lavar,
Tua bôca linguaeira
Passa o dia a serrotar!...

Vielas de S. Crispim
Cheia de sombras, escura!...
Hoje tens sol — o teu fim
E' aquentar a desventura!...

mos conceder em detrimento da sensibilidade duma população, impondo intuítos mesquinhos que não devem viciar a classe «empresas» e deixando medrar a inconsciência como falta de escrúpulos.

Imagine, meu caro, o quanto é para lamentar que os vimaranenses consintam que nós outros, seus visitantes, soframos uma decepção como esta por que acabo de passar!

Lamentável, não é verdade?

Apesar de tudo, sei que sente como eu esta decepção, e, razão bastante para permitir a impertinência — se assim possa classificar êste desabafo —, não é para se admirar se me tiver enquadrado, ló dum em riste, *tau-tau* para a direita e *tau-tau* para a esquerda.

¿Admite-se, porventura, que se classifique de teatro êste barracão de humores fétidos, que funciona para *prazer* da «costumada» pituitária do *habitué*?

Não; não há o direito de tolerar tal».

— Perdão; o contracto de abertura sancionado pela Inspecção Geral dos Teatros ficou estabelecido, é certo, mas provisoriamente, para que Guimarães de todo em todo não ficasse sem uma casa de espectáculos.

— «Tanto pior. Neste caso sacrificava-se tudo para que o capitalismo despertasse e tomasse nova iniciativa. Depois, com o auxilio da Imprensa, atiradas umas boas «zargunchadas» e falado ao sentimento dos argentários, pão, pão; queijo, queijo... Ou o teatro seria completamente novo, limpo e asseado, sem cheiros que empestassem e poeira que desse vida a *osgas* que se anicham nos colarinhos dos que dêle têm necessidade de se servir, ou não havia teatro algum. Isto, tal qual se apresenta, é um horror!

Admira-me muito que tivessem

fechado o «D. Afonso Henriques» e consentissem no funcionamento do «Gil Vicente»!

Isto pelo que se refere ao cor-telho.

Ainda, ontem, me dizia Abílio Alves, uma das primeiras figuras da Companhia Ester Leão-Alexandre de Azevedo: «se conhecesse êste barracão infame, não teria cá pôsto os pés.

«Veja, veja o conceito e a impressão que eles levam de tudo isto...!

E' uma vergonha! E' uma vergonha!

Depois, o sujeitar-se uma Companhia daquelas a trabalhar ali, onde não vai determinada classe de pessoas, é «quinau» pela certa, que deve só aproveitar ao sr. Empresário.

Mas há mais: ¿quem viu já os actores terem de fazer de porteiros... para *equilibrio* das despesas, tornados empregados assim, sem respeito algum pelas suas qualidades de artistas?»

— Olhar pela vida...

— «Sim, olhar pela vida. Mas a fama deve prejudicá los muitíssimo, aos senhores, que ficarão sendo, aos olhos dos extranhos, os culpados de semelhante baixesa. Nunca, em terra digna do nome — civilização — eu presenciei ou vi que de actores fizessem... comediantes de feira.

E o aspecto interior? Feras autênticas!»

— ¿Feras?! Não percebo!

— «Não vê? Os guardas passando na plateia de espingarda?! Que diacho! Um antro ou covil, invadido é quando a rusga se faz por desconfiança. Bem sei que eles não podem, por regulamento, deixar de fazer serviço sem ela. Mas ficam à porta e nada têm que intervir a não ser em caso de força maior. ¿Para o que servem os empregados?

Tudo às avessas! Tudo às avessas!»

L. COELHO.

Camões

E' hoje o dia consagrado à memória do maior poeta português. Recordá-lo o mesmo é que pôr em vibração todo o nosso sentimento patriótico. Camões vale uma época. Engrandece tóda uma literatura. O lirismo e a epopeia tiveram em Luis Vaz de Camões o intérprete ideal. Criador incomparável de belezas imortais, morreu pobre e quási despresado, não desmentindo assim a sina triste de quási todos os génios.

Morreu? Não. Ele viverá eternamente. Camões é a Pátria, porque Camões é o autor de «Os Lusíadas», dêsse livro que ficou, na frase de alguém, como o paládio sagrado em que se conserva incorruptível o sentimento da nacionalidade portuguesa.

Na sua obra perpassam, com todo o esplendor da glória, as figuras dos nossos maiores; nela se cantam, em estrofes incomparáveis, os feitos extraordinários da nossa história.

«Os Lusíadas» deviam ser lidos, compreendidos, decorados até, pela mocidade portuguesa, especialmente pela dessorada mocidade que tem como preocupações máximas o *shoot* e o *charlston*.

Chapéus e Gravatas

O maior sortido

Os melhores preços

Só na CASA MARTINS

Declaração

A família do malogrado José Maria Gomes Alves, que foi Chefe da Secretaria da Câmara Municipal de Guimarães, reconhecidamente agradece a tódas as pessoas das suas relações e amizade as manifestações de pesar que lhe foram prestadas, e o seu reconhecimento é tanto maior visto não terem sido feitos convites, cumprindo-se assim o desejo manifestado nos últimos momentos do extinto, que queria que o seu funeral fôsse o mais modesto possível, dispensando e repudiando qualquer homenagem que a Comissão Administrativa lhe quisesse prestar.

Louças e artigos para brinde

O mais completo sortido

Casa Martins

Este número foi visado pela comissão de censura

Calçado para quarto; grande sortido de calçado de pelica. Sapatos de cabedal com sola crepe para senhora a 24\$00. Sapatinhos de verniz, bébé, desde 6\$00. Sapatilhas e sapatos de borracha. Só na Casa Martins.

CASA PIMENTA
 DE
ALBERTO PIMENTA MACHADO
 FIBIAB - Rua 31 de Janeiro

Completo sortido de tecidos de algodão e lã para vestidos. Enorme variedade de casimiras para fatos. Estambres e elasticotines, ingleses.

NÃO COMPRAR SEM VER OS SEUS PREÇOS.

**Fábrica de Pentas
 do Ribeirinho**

**FORNECEDORA DOS PRINCIPAIS
 ARMAZENS EXPORTADORES**

Telefone 128

Guimarães - Portugal

ATOALHADOS E LINHOS

Gonçalves & Castro, L.^{da}
GUIMARÃES
 Largo Prior do Crato, 7-8-9

*Completo sortido de todos os
 tecidos próprios para enxovais*
*Lindas colecções de bordados de Guimarães
 e uma grande variedade de
 tecidos para roupas interiores*

Preços das fábricas

Papellaria - Perfumarias - Tabacos
 Gramofones e discos - Radiotelefonía
 Papéis de embalagem - Fio - Papelão

CASA IDEAL
JOAQUIM LEITE MONTEIRO
 28, Rua 31 de Janeiro, 30 - Telefone 181 - GUIMARÃES

CASA DE SANTA TERESINHA
 122, Rua da República, 122-A
GUIMARÃES

Papellaria e Livraria - Artigos religiosos - Objectos de escritório
 Estampas, Oleografias, Registos de Santos, Lembranças para a 1.^a Comunhão,
 Livros de Missa, Devocionários, Postais ilustrados, Artigos para pintura, Tintas
 laváveis, Aguarelas, etc. Brinquedos, Sabonetes, Perfumarias, Pasta e escovas
 para dentes, Estatuetas ornamentais, Imagens religiosas, Crucifixos, Relicários,
 Plac para água-benta, Terços, etc. Executam-se desenhos em todos os géneros.

**ALFARFARIA DE
 RIBEIRO, FILHO**

*participa aos seus clientes e amigos que acabou de receber
 um enorme sortido de artigos de verão, em lindos padrões*
Sortido completo em fazendas para fatos, sobretudos, etc.
 9, Largo da Misericórdia, 10 - Telefone, 177 - GUIMARÃES

**CASA DAS GRAVATAS DE
 Dias & Carvalho, L.^{da}**

43, Rua da República, 47 - Telefone 188 - GUIMARÃES

Chapelaria, Camisaria e Gravataria
*Completo sortido em meias, peugas, popelines, bolsas, malhas,
 guarda-chuvas, perfumaria, miudezas e artigos de novidade.*

CASA REBELO
 117 - Praça D. Afonso Henriques - 118
GUIMARÃES

Completo sortido em tecidos
 próprios para a estação de verão
 a preços baratíssimos.
 Fazendas brancas e miudezas.

Visitem esta casa

CASA MARTINS
A CASA DAS MEIAS

Sempre as últimas novidades, o maior sortido, para *Senhora, Homem e Criança*.
 Camisas para Homem e Senhora. Popelines, Zefires e Percalis para Camisás. Gra-
 vatas, Chapeus, Sombrihas, Malinhas, Artigos de bordar, Bordados e Rendas. Cal-
 çado para quarto. Secção de Louças, Tapetes, Brinquedos e Artigos para brinde.

Bom, Bonito e Barato
Só na Casa Martins. A Casa das Meias.

Francisco Ribeiro de Castro

Papellaria e objectos de escritório - Perfumarias - Tabacos
 Representante em Guimarães e norte de Portugal das Cañetas Conklix - Endura

Casa das Novidades Rua da República, 103-A e 105-A Rua Gravador Molarinho, 1 e 3	Artigos fotográficos Telefone n.º 149 GUIMARÃES	Papellaria Central FILIAL Praça D. Afonso Henriques, 12 e 13
--	--	--